

CRISE DA MODERNIDADE E TRABALHO EM CONTEXTOS METROPOLITANOS¹

Catia Antonia da Silva ²

Introdução

A compreensão da crise da modernidade em contextos da metrópole já fora apontada por Simmel (1987), ao reconhecerem os limites do projeto moderno na sociedade capitalista, tanto no que se refere aos limites da inserção ao desenvolvimento social, quanto às formas de controle social e ao artificialismo das relações sociais construídas. No contexto da América Latina, sem dúvida, a grande marca da crise da modernidade se refere ao limite, cada vez mais exarcebado, da incorporação na sociedade aos ditos direitos sociais. As metrópoles desses países são, historicamente, os lugares de tensão entre a modernização e a exclusão social. A ampla fragmentação das propostas e das idéias supera as meta-narrativas, tais como as do populismo ou do trabalhismo, tão questionadas nas décadas de 40-60, mas foram possibilitadoras da adesão social. No contexto da compreensão entre modernidade e vida metropolitana encontra-se, neste sentido, o trabalho como invenção social, é força motora da economia e é expressão de cidadania. Havia a valorização do trabalho como vocação e as meta-narrativas se expressavam nas propostas normatizadoras da relação capital-trabalho mediada pelo Estado. Nos contextos atuais, com a crise dessa meta-narrativa, a incerteza supera a crença na garantia do emprego. A economia informal cresce violentamente nas metrópoles exatamente porque é o lugar onde a crise é mais sentida. O texto tem como finalidade aprofundar reflexões sobre problemática apontada.

Modernização e secularização na construção do território

Antes de debruçarmos nossa análise para a questão metropolitana, apontaremos os conceitos de secularização e modernização, buscando reconhecer a atualização desses conceitos, suas permanências e suas mutações para contribuir na construção de projetos que tenham como referência as condições e as estratégias de sobrevivência, o que pode ser tornar referência aos projetos futuros para o Brasil, no diálogo com a América Latina. Tais

¹ Este trabalho é resultado preliminar do Projeto de Pesquisa: Trabalho e qualificação profissional na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Em busca da compreensão da relação entre contextos sócio-espaciais metropolitanos, conhecimento e estratégias de sobrevivência, desenvolvido no DGEO da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, sob a coordenação e orientação da Professora *Dra. Catia Antonia da Silva. O projeto recebe apoio e fomento da FAPERJ. Contou com o apoio de Leandro Amadeu Gonçalves, Nelson Cortes Pacheco Junior e Tâmara de Oliveira, integrantes do LEME: Linha de Pesquisa em Estudos Metropolitanos.

² Dra - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
catiaantoniam@ig.com.br

conceitos orientam a compreensão para o fenômeno metropolitano, conforme veremos a segunda parte deste texto.

A compreensão weberiana

Modernização e secularização são categorias-chave propostas por Max Weber para a compreensão sociológica das sociedades capitalistas. Ambas são orientadas por ideários (espírito) transcendentais e imanentes que orientam ações e intenções, que buscam a colonização do futuro. A secularização é, neste sentido, intenção e realização de práticas de colonização do mundo, do tempo e do espaço.

A secularização é orientadora da modernização, que é concebida pelo autor como ação transformadora da vida social e, podemos considerar, também como ação modificadora do espaço geográfico. O espaço é entendido por nós como condição material, onde a vida se realiza. É resultado e condição para a orientação dos projetos de ocidentalização do mundo.

Neste contexto analítico, a ocidentalização do mundo é refletida como dinâmica de intervenção sobre este mundo - mundanização decorrente de alterações advindas da crise da teologia cristã-católica no fim da Idade Média - e como predominância do racionalismo técnico-científico na explicação do e no agir sobre o mundo.

O racionalismo articulado à profunda mutação nas formas de organização do trabalho, sob o modo de produção capitalista, caracteriza-se por aquilo Max Weber chamou de racionalismo ocidental, contem três acepções: racionalismo da sociedade, racionalismo da cultura e o racionalismo da personalidade³. Na compreensão weberiana, essas acepções têm estreita relação entre si, já que não são apenas os interesses que impulsionam o homem a organizar sua vida de modo prático-racional, mas, sobretudo, a sua interpretação do mundo.

Assim, o agir reformador ou transformador (modernização) tem como pressupostos questões de imanência - conjunto de elementos imediatos e de interesses que orientam a ação - o agir econômico, político, social - e questões de transcendência, que se referem à necessidade sentida pelo homem de assumir uma posição unitária nos confrontos do mundo (visão de mundo que lhe dá sentido à ação).

Weber reconhece elementos essenciais do racionalismo: 1. As idéias que constroem o sentido de estar no mundo e de ser sujeito da história por meio da ação e da intervenção sobre a sociedade. 2. Os interesses que dizem respeito à necessidade do homem assumir

³ Weber (1997) analisa a ética protestante, elemento central do espírito do capitalismo. Sua análise aponta para o entendimento da imanência e da transcendência do agir social, orientado pela ação racional e pela necessidade de colonização do mundo.

de forma imanente sua posição no mundo. 3. A relação entre idéias e interesses, de um lado, e a organização burocrática, de outro, ditada pela necessidade do homem construir a sua relação com o mundo por meio do cálculo de vantagens e desvantagens associadas à ação.

Weber, neste sentido, auxilia, amplamente, o entendimento das grandes mudanças articuladas à construção e reconstrução do espaço, da sociedade e da cultura capitalista neste início de século.

O entendimento do racionalismo em sua relação com a transcendência (idéias que dão sentido ao agir) e a imanência (interesses e calculabilidade que conduzem a ação) é essencial à compreensão do processo de modernização territorial e de modernização cultural.

Em geral, fruto da modernidade e processo que cria sua materialidade ou seja o ambiente moderno (BERMAN, 1986) a modernização é desejada, tendo como pressuposto a idéia de que a mudança trará mais benefícios do que malefícios, em uma conjuntura social amplamente divulgada como de crise. Nesta conjuntura, muitas inovações surgem aparentemente como agir sem sentido ou como prática sem consciência, o que nos leva a tentar desvenda-las, em seus vínculos com a modernização.

Weber chama a atenção para o cuidado metodológico exigido pela constatação de que idéias e interesses não têm vínculos *a priori*, isto é, o mundo material e o mundo simbólico são construídos no contexto da ação e da percepção do estar no mundo. A secularização constrói (e decorre) desse contexto, isto é, a ruptura da crença na explicação do mundo a partir do divino, do sagrado e dos dogmas da religião judaico-cristã, que a remetem a experiência humana para fora do mundo, protegendo os sacerdotes nos templos, nos mosteiros e no topo das montanhas, longe do profano. Com a modernidade, por meio da razão técnico-científica, política e econômica rompe-se com o Céu como único sentido da vida. Trata-se, principalmente, da relação estabelecida entre sociedade e estado moderno, entre “novas religiões e seitas protestantes” e a racionalização capitalista. A modernidade torna-se consequência e causa do sentido do mundo. A dessacralização orienta a relação com o futuro, o progresso e o devir. Busca-se o controle sobre o devir. Assim, a secularização é uma das “expressões-chave da modernidade e do seu processo subsequente: a modernização. A secularização está nas entrelinhas do debate político, ético e filosófico contemporâneo” (MARRAMAIO, 1997, p.9) e nas entrelinhas da modernização, da ideologia, da cultura e da política.

A secularização e a modernização conformam a modernidade por se referirem à projeção do plano horizontal no tempo histórico e à relação vertical salvífica entre as

dimensões da transcendência e da imanência na dinâmica da "colonização do futuro" (o projeto) e da "expropriação do mundo" (a ação concreta de intervenção sobre o território).

Em consonância com a orientação metodológica de Weber (1992, 1997), a modernização é um fenômeno abrangente que envolve a projeção no mundo e a ação sobre o presente, interferindo na construção do futuro, o que se articula ao agir sobre a sociedade e o espaço. Weber alerta para os limites das orientações analíticas que reconhecem nesta ação apenas utilitarismo.

O autor introduz a possibilidade de que a compreensão da profissionalização e do trabalho aconteça no contexto da modernização do mundo capitalista, em que o homem busca a imanência (ação com utilidade imediata) e a transcendência (sentido de ação estão para além do utilitarismo imediato). Buscando aprofundar o entendimento das duas buscas, Weber constrói ampla reflexão a partir de duas orientações filosófico-analíticas: a transcendência e a imanência.

A transcendência é reconhecida pelos valores e desejos orientadores da ação e fundamentada por um sentido mais profundo, ou seja, a ética configura a máxima orientadora da vida. Na reflexão sobre a modernidade, Weber (1997, p. 32) propõe o desvendamento "espiritual do capitalismo", apreendido nesse "sentido específico, evidentemente do capitalismo moderno".

A ética que orienta o trabalho e a profissionalização como valores positivos e como vocação, tem na ética protestante calvinista, o ambiente cultural privilegiado para a sua associação com a transcendência. Trata-se de uma construção paradigmática do sentido do trabalho e da profissão como nas seguintes passagens de Weber:

(...) 'Se vires um homem diligente em seu trabalho, ele estará acima dos reis'. Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação (...) (1997, p.33)

E mais,

E, na verdade, esta idéia peculiar de dever profissional, tão familiar a nós nos dias de hoje, mas, na realidade, tão evidente é a mais característica da 'ética social' da cultura capitalista, e, em certo sentido, sua base fundamental. É uma obrigação que o indivíduo deve sentir e que realmente sente, com relação ao conteúdo de sua atividade profissional, não importando no que ela consista e, particularmente, se ela aflora com uma utilização de seus poderes pessoais ou apenas de suas posses materiais (como capital) (1997, p. 33-34)

Esta ética valorativa do trabalho e da profissão envolve transcendência, ou seja, razão e emoção orientadoras do sentido da ação humana. A ação histórica e espacial articula-se à imanência, ou seja, com as intenções mais imediatas inscritas no contexto sócio-espacial no qual o indivíduo nasce e cresce. Sobre isto Weber dá um exemplo específico:

(...) A empresa dos dias atuais é imenso cosmos, no qual o indivíduo nasce, e que se apresenta a ele, pelo menos como indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável, na qual ele deve viver. Obriga o indivíduo, na medida em que ele é envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de ação capitalistas. O fabricante que permanentemente se opuser a estas normas será economicamente eliminado, tão inevitavelmente quanto o trabalhador que não puder ou não quiser adaptar-se a elas será lançado à rua, sem trabalho. (1997, p. 34)

As imanências referem-se ao contexto histórico do capitalismo contemporâneo, materializado no modo de vida adaptado às peculiaridades selecionadas e dominantes desta forma de produzir, a tal ponto que dominou pessoas, regiões, países e territórios. O capitalismo não apareceu em indivíduos isolados, mas como um modo de vida social, num período de mudanças de visão de mundo – e de busca de novos sentidos da vida – e num contexto de alterações imanentes: organização da economia capitalista na resolução de problemas associados ao aumento da produtividade do capital e da lucratividade (WEBER, 1997). Procurando compreender a imanência trazida pelo capitalismo, Weber reflete acerca da relação entre qualificação profissional, ou seja, especialização do trabalhador e gestão econômica capitalista em sua obra *Economia e sociedade* (1999).

De acordo com o autor (1999, p. 107-108), a qualificação profissional (ou especialização do trabalhador) é dependente da especialização dos serviços vinculados à ação econômica. A expropriação dos trabalhadores da propriedade de meios de produção estaria orientada, para o autor, de modo puramente técnico e pela gestão econômica dos seguintes fatores:

1. os instrumentos de trabalho reclamam a sua utilização simultânea e sucessiva por numerosos trabalhadores;
2. a orientação técnico-racional dos processos de trabalho somente pode ter lugar em conexões com processos complementares sob controle comum e permanente;
3. a necessidade de formação profissional para a direção de processos de trabalho conexos que, por sua fonte, dependem do “emprego” de massa de modo racional. Assim, a qualificação de trabalhadores é fundamental para a

existência do trabalho e da economia capitalista em cada época de reestruturação, caracterizada pela introdução de novas técnicas e formas de organização da produção e da distribuição dos produtos, visando a maximização do lucro;

4. a existência de uma disposição unitária sobre os meios de trabalho, sobre as matérias-primas, e disciplina mais rigorosa do trabalho e, em consequência, controle maior dos rendimentos e produtividade e maior homogeneidade dos produtos; e

5. a instalação de energia que unicamente pode ser utilizada de modo racional por emprego simultâneo em numerosos processos homogêneos de trabalho organizados espacialmente, em que a cooperação capitalista relaciona condições materiais e ordem social.

No que se refere à visão geográfica, a modernização do espaço e a urbanização são dimensões territoriais que, conforme veremos mais adiante, tornam-se condição e situação material da organização da vida contemporânea, interferindo no trabalho e na profissão.

A orientação weberiana permite, assim, a proposta de um quadro de análise da profissionalização relacionado à gestão econômica, orientada pela ação técnico-racional, ou seja, pela racionalidade instrumental burocrática que é aprofundada, no capitalismo contemporâneo, pois a técnica (lida como objeto material e como ação conjunta dos meios aplicados), em contraposição ao sentido ou ao fim que orienta a sua aplicação, significa meios que seguindo um plano pré-estabelecido, estão orientados por experiência e reflexão de um “ótimo de racionalidade dado por um pensamento científico” (idem, p. 47).

Esta racionalidade orienta a gestão econômica, o poder de disposição dos trabalhadores (juntamente com a ética positiva do trabalho, um dos elementos formadores do espírito do capitalismo), a organização territorial do trabalho e a qualificação profissional, tornando-se matriz do processo de modernização.

Com o apoio na reflexão weberiana, concebemos a modernização como um projeto abrangente de transformação sócio-espacial, alimentado por ideários de inscrição do país na modernidade. Esse projeto se constitui num parâmetro fundamental para a reflexão do sentido ético (transcendência), a mundanização e a secularização - processos gerais que direcionam o agir da cultura ocidental, e, ao mesmo tempo, os contextos da dinâmica (ação) econômica imediata, como elemento orientador da qualificação profissional.

Max Weber, buscando entender o sentido da ação no capitalismo moderno, reconhece que a racionalização tem origem na mundanização. O espírito protestante positiviza o trabalho e a vocação profissional como bens que dão “fisionomia cultural ao racionalismo

ocidental moderno”, marcado pela crescente tendência à racionalização do domínio sobre o mundo.

Tal racionalização, crescente no século XX, ultrapassa o próprio contexto das seitas protestantes e atinge o Estado, a ciência e a economia. Segundo Marramao (1994, p. 49):

imposição problemática de Weber trata-se diferentemente das citadas interpretações, de explicações como – ou seja, por qual concatenação de circunstâncias – justamente e somente no Ocidente tenha podido manifestar-se um complexo de fenômenos culturais que, no seu típico entrelace, resulta desconhecido a todas as outras culturas humanas: uma ciência racional decididamente orientada para a aplicabilidade e para a produtividade técnica; uma organização capitalista racional do trabalho formalmente livre (como já havia sido instituído por Marx n’O Capital), fundada no princípio da calculabilidade, e , portanto, marcada pelo específico caráter matemático-experimental e exato-racional da ciência ocidental; a ‘perfeição técnico-jurídica’ fundada num direito calculável e numa administração regulada, segundo regras formais; um Estado moderno organizado por meio do enquadramento absoluto e férreo de funcionários especializados, segundo o princípio técnico-científico da divisão social do trabalho, que se desenrola em perfeita concomitância com a organização racional da grande empresa. Porém, para explicar em sua gênese o modo específico do ‘racionalismo ocidental moderno’, Weber faz referências não somente às condições econômicas, técnico-científicas e jurídicas, mas também ao poder de disposição das pessoas, ou seja, dos agentes sociais, para com determinadas condutas prático-rationais de vida (...).

A questão da racionalidade encontra-se referida ao campo complexa que relaciona sentidos éticos do agir e formas prático-rationais da ação conformadas pela orientação da ciência e da tecnologia e pela normatização-legalização (institucionalização do Estado). Ambos (a ciência e o Estado) interferem na organização da empresa e na organização sócio-espacial.

A análise weberiana compreende o sentido das ações na sociedade capitalista. Esta análise sociológica contribui para o entendimento dialético da dimensão da modernização técnico-cultural que interfere no território, constrói e destrói espaços. O entendimento do sentido das ações que ordenam o território e a construção social do espaço dialoga com a dinâmica do sistema de ações e do sistema de objetos, proposta por Milton Santos (1993, 1996).

Trabalho e modernização em contextos metropolitanos

Introdução

Milton Santos (1994) propõe a compreensão do espaço e sobretudo das metrópoles como meio técnico-científico informacional por consistir em sistemas de objetos e sistemas de ações, frutos das relações e interesses do capital-Estado e Ciência. Este meio impõe à sociedade novas práticas e reajustes de velhas práticas, consolidando novo patamar aos sistemas de ações, ou seja, a modernização da sociedade (cultura) e modernização do ambiente urbano-metropolitano (sistema de objetos e de ações), e dá novos elementos ao processo de industrialização (produção-circulação-consumo de mercadorias e de serviços) e aos trabalhadores inseridos no mercado formal e/ou no mercado de trabalho informal, devendo lembrar que este meio oferece uma diversificação de objetos no ambiente de trabalho, que para os trabalhadores informais tornam-se perigosos porque, muitas vezes, não sabem sobre a nocividade dos produtos que manipulam. Neste contexto, a fragmentação e a integração não podem e não devem ser pensadas como processos diferentes, disjuntos ou independentes. O capitalismo tem como essência esta duplicidade como faces de uma mesma totalidade. A integração representa a face inovadora da incorporação da modernização tecnológica e das relações sociais. A metrópole torna-se ambiente do trabalho que vive mutações relativas à intervenção tecnológica e organizacional para maximizar a acumulação capitalista, que na metrópole a mutação aparece com diversas faces: novas profissões, demanda por mão de obra mais escolarizada, inovações de tarefas, multi-funções, atualização no uso da tecnologia. É a face moderna da integração, mas é o mesmo processo que fragmenta, segrega e exclui massa de trabalhadores com baixa qualificação profissional, trabalhadores mutilados com dificuldade de adequarem-se às novas profissões, quando verem suas ocupações profissionais reduzidas ou quase extintas. Deste modo a fragmentação e a exclusão social são processos modernos e atualizações da modernização territorial.

Trata-se da profunda relação entre sociedade e materialidade fundamentada na relação entre cultura e natureza em meio aos diferentes patamares da modernização brasileira.

Os contextos metropolitanos, nesse sentido, são lugares que permitem reconhecer a empirização dessas relações e compreender a modernização do trabalho e do espaço (SANTOS, 1993, 1994, 1996; SIMMEL, 1987). Acreditamos que os espaços urbano-metropolitanos, enquanto categoria da existência da vida coletiva, são detentores da aceleração dos ritmos do tempo social, apresentam alto grau de expressão da modernização capitalista, por meio de sua arquitetura, dos fluxos de mercadorias, de dinheiro, de pessoas e de idéias e convivem e interagem com a massa de excluídos. A

metrópole por causa de sua organização social e cultural, permite a reprodução da exclusão e a criação de formas de apropriação da materialidade construída de diferentes maneiras pelos grupos excluídos (RIBEIRO, 1996; SILVA, 1999,199^a; 2002; SILVA E RIBEIRO, 1997; SANTOS, 1993,1996).

Tal recorte tem como pressuposto a crença da existência da vida metropolitana, situação em que habitam intenções, projetos e estratégias de modernização dos agentes econômicos, do Estado e dos grupos excluídos da modernização, mas que criam estratégias de apropriação da metrópole.

O texto se divide em duas partes: a primeira é referente aos contextos mais gerais da mutação do trabalho em contextos metropolitanos, o que remete à compreensão das mutações nos postos de trabalho. A segunda parte apresentará a análises sobre mudanças e permanências nas estratégias de trabalhadores ligados aos transportes alternativos e aos camelôs no âmbito específico do leste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Fragmentação e integração na esfera do trabalho na metrópole

Assim, diante da crise da modernidade, novas orientações e novas possibilidades teórico-conceituais tornam-se fundamentais na reconstrução da releitura em relação ao outro, e sobretudo o respeito em relação ao outro. A informalidade já é concebida não mais como um trampolim, como se dizia nos anos 1960 em contextos da teoria da marginalidade. Diante da certeza da ampliação de trabalhadores que não terão acesso ao mercado formal de trabalho, reconhecemos que se trata de um processo em que não é uma estrutura social de “ exercito industrial de reserva”, como acreditava Marx (1989), mas é a não integração, de fato, de parcela de trabalhadores que tem terem baixa escolaridade e/ou qualificação profissional estão fora dos novos padrões de ocupação, demandadas pela economia.

Além disso, de acordo com a Tabela 1 referente aos postos de trabalho segundo ocupações profissionais, em áreas metropolitanas brasileiras, é notável o destaque de profissões ligadas ao setor terciário – administração pública, comércio, administração privada, educação e segurança, requerendo o nível médio de ensino.

Tabela 1 - Total de número de trabalhadores por categoria brasileira de ocupações em áreas metropolitanas brasileiras - 2001

Categoria Brasileira de Ocupações	Total
Químicos físicos e trabalhadores assemelhados	20.240
Engenheiros arquitetos e trabalhadores assemelhados	142.020
Técnicos desenhistas técnicos e trab assemelhados	498.929
Oficiais de bordo e trab assem (aviacao comer e mar mercante)	11.766
Biologistas engenheiros agronomos e trabalhadores assemelhados	17.810

Med cirurgioes dentistas med veterinario enferm e trab assem	538.607
Estatisticos,matanalistas de sistemas e trab assemelhados	137.456
Economistas e tecnicos de administracao	124.073
Juristas	38.236
Professores.	2.168.891
Escritores,jornalistas,locutores e trabalhadores assemelhados	46.941
Escultores pintores fotógrafos e trab assemelhados	11.769
Musicos,artistas empresários e produtores de espetáculos	13.121
Tecnicos desportivos atletas profissionais e trab assemelhados	35.376
Trab prof cient,tec artist,trab assemelh n/classif. s/out epigraf	82.579
Membros superiores do poder legislativo,executivo e judiciário	399.427
Membros da diplomacia	628
Diretores de empresas	49.091
Gerentes de empresas	384.374
Chefes intermediários administrativo de contabilidade e finanzas	281.882
Agentes de administração publica	1.874.655
Secretarios, datilografos,estenografos e trabalhadores assemelhado	267.660
Trabalhadores de serviço de contabilidade caixas e trab assemelh	645.613
Oper.maq.contab, calcular e processamento automatico de dados	148.850
Chefes de servicos de transportes e comunicacoes	32.377
Despachantes,fiscais,cobradores de transp coletivos (exceto trem)	186.072
Classificadores de correspondência,carteiros e mensageiros	101.402
Telefonistas, telegrafistas e trabalhadores assemelhados	155.900
Trab serv administrativos,trab assemelh n/classif. s/out epigraf	2.606.320
Comerciantes (comercio atacadista e varejista)	18.965
Supervisores de compras e de vendas, compradores e trab assemelh	260.033
Agentes tecnicos de vendas e representantes comerciais	96.257
Corretores, agentes de venda serv as emp,leiloeiros e avaliadores	22.227
Vendedores,empregados de comercio e trabalhadores assemelhados	1.457.964
Trabalhadores de comercio e trab assemelh n/classif s/out epigraf	594.304
Gerentes hotéis,restaurantes,bares,estab similares e trab assemelh	26.393
Mordomos, governantas e trabalhadores assemelhados	7.065
Cozinheiros, garcons,barmen e trabalhadores assemelhados	733.370
Trab serventia e comissarios (serv. transportes passageiros)	146.440
Trab serv admin,conserv,limp de edificios lograd publ trab assem	2.083.350
Lavadeiros,tintureiros e trabalhadores assemelhados	58.467
Trab servicos de higiene e embelezamento e trabalhadores assemelh	441.674
Trabalhadores de serviços de proteção e segurança	812.545
Trab serviço tur hig embelez seg e trab assemelh não classificado	127.285
Administradores,capatazes de explorações agropecuárias florestais	28.414
Produtores agropecuários	7.632
Trabalhadores agropecuários polivalente e trab assemelhados	376.399
Trabalhadores agricolas especializados	384.812
Trabalhadores da pecuária	146.536
Trabalhadores florestais	53.284
Pescadores e trabalhadores assemelhados	13.739
Oper.maquinas e implementos de agricultura,pecuaria expl florest	81.211
Agentes de mestria	133.282
Trabalhadores de minas,pedreiras, condadores e trab assemelhados	44.641
Trabalhadores metalurgicos e siderurgicos	279.160
Trabalhadores de tratamento da madeira,de fabricação papel,	118.509

papelão	
Operadores instalação processamento quim e trab assemelhados	93.708
Fiandeiros tecelões tingidores e trabalhadores assemelhados	158.318
Trabalhadores de curtimento	21.377
Trabalhadores de preparação de alimentos e bebidas	430.828
Trab de tratamento de fumo e de fabricacao de charutos cigarros	6.632
Trabalhadores de costuras, estofadores e trabalhadores assemelh	404.482
Trabalhadores da fabricação de calçados e artefatos de couro	246.775
Marceneiros,oper maquinas de lavar madeira e trab assemelhados	142.823
Cortadores, polidores e gravadores de pedras	15.017
Trabalhadores da usinagem de metais	318.991
Ajustad mec montadores e mec de maquinas veiculos instr precisao	438.470
Eletricistas eletrônicos e trabalhadores assemelhados	364.196
Oper estações radio tv equipam sonorizacao projecoes cinematog	21.943
Encanad soldad chapeadores caldeiros mont estruturas metálicas	215.424
Joalheiros e ourives	8.907
Vidreiros , ceramistas e trabalhadores assemelhados	105.280
Trabalhadores de fabricação de produtos de borracha e plastico	184.908
Confeccionadores de produtos de papel e papelão	18.607
Trabalhadores das artes gráficas	132.758
Pintores	84.683
Trab conf inst musicais prod vime simil der min n met trab assem	16.631
Trabalhadores da construção civil e trabalhadores assemelhados	769.586
Operadores de maquinas fixas e de equipamentos similares	145.111
Trab manipulacao merc materiais oper maq const civil trab assem	377.475
Condutores de veiculos de transportes e trab assemelhados	1.106.264
Trabalhadores braçais não classificados sob outras epigrafes	1.194.857
Ignorado	589.540
Total	27.189.614

OBS: O Total de áreas metropolitanas refere-se: Belém, Fortaleza, São Luis, Natal, Recife, Macéio, Salvador, Belo Horizonte, Colar Met Bh, Vale Do Aço, Colar Met Aco, Vitoria, R de Janeiro, São Paulo, B. Santista, Campinas, Curitiba, Londrina, Maringa, Florianópolis, Exp Florianópolis, Vale Itajaí, Exp V Itajai, N/Ne Catarin, Exp N/Ne Catarinense, Porto Alegre, DF e Entorno, Goiânia, Outros.

Fonte: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. RAIS (relação anual de informações sociais). 2001. Rio de Janeiro: DATAMEC, 2002.

A insurgência de trabalhadores excluídos rumo à integração

Integração e fragmentação são faces da mesma totalidade fenomênica, ou seja, do processo de modernização capitalista que altera o território usado, criando um meio artificializado de sistemas técnicos e sistemas de objetos, ensinado por Milton Santos (1994). Uma vez criado este meio, com sua tecnosfera – objetos fixos e fluxos - e a psicofera - valores, sociabilidade, idéias, projetos, ações e práticas sociais. A

modernização impacta e (re)constrói o território, a técnica impostas pela e para acelerar a dinâmica capitalista nas atividades formais acabam por serem apropriadas pelos excluídos formais dessa modernização. Desse modo, Milton Santos já havia demonstrado nos dois circuitos da economia urbana a múltipla relação entre formalidade e informalidade como uma totalidade complexa, altamente diversificada. Tal relação mantém-se e acelera-se com a crise social da metrópole. Nos anos 90 do século passado, esta crise ganha múltiplas faces – crise econômica, crise social, crise política e crise dos valores, que se materializam na crise urbana. Assim, trabalhadores desempregados pela intervenção tecnológica imposta, reduzindo o número de bancário, por exemplo e a demanda por transporte coletivo, principalmente, nas periferias das metrópoles faz contribuir a emergência do transporte alternativo e aumentar acentuadamente o número de trabalhadores do comércio ambulante, vejamos o exemplo do trabalhador ambulante em São Gonçalo - RJ⁴.

O perfil do trabalhador ambulante

Esta seção foi desenvolvida para termos a compreensão da dinâmica existente em duas localidades em que ocorrem atividades informais em São Gonçalo: no centro de Alcântara e no Rodo. Percebemos que no comércio ambulante destas localidades os trabalhadores possuem perfis muito diferentes, como aponta a tabela 1, de acordo com a rua em que estes exercem suas funções. Verifica-se também que o comércio ambulante é marcado como opção de trabalho, devido ao grande problema atual: o desemprego.

Tabela 1 - Perfis dos trabalhadores ambulantes dos bairros de Alcântara e do Rodo.

Características	Alcântara e Rodo	%
Gênero	Masculino	30%
	Feminino	70%
Média de idade	15 a 25 anos	10%
	26 a 35 anos	35%
	36 a 45 anos	35%
	Mais de 46 anos	20%
Etnia	Branca	60%
	Morena	15%
	Negra	25%
Escolaridade	Até a 4° série	10%
	5° a 8° serie	45%
	Ensino Médio Incompleto	20%
	Ensino Médio completo	20%
	Ensino Superior Incompleto	5%
Renda Média mensal	Até 2 salários mínimos	50%
	Até 4 salários mínimos	45%
	Acima de 6 salários mínimos	5%
Pessoas que pagam o INSS	Pagam	20%

⁴ Pesquisa desenvolvida no Projeto de Pesquisa: Trabalho e qualificação profissional na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Em busca da compreensão da relação entre contextos sócio-espaciais metropolitanos, conhecimento e estratégias de sobrevivência, por Nelson Cortes Pacheco Junior e Tâmara de Oliveira.

Composição familiar	Não pagam	80%
	Até 3 pessoas	55%
	Até 6 pessoas	25%
	Acima de 7 pessoas	20%
Tempo de serviço informal	Até 2 anos	20%
	Até 5 anos	35%
	acima de 6 anos	45%

Total de entrevistados: 70 ambulantes

Fonte: Entrevistas realizadas de 12/03 a 30/04 de 2004, por Tamara Silva.

O trabalho informal, que se desenvolvem fora do mercado tradicional, representa a alternativa mais imediata criada pelos próprios trabalhadores, para superar os problemas do mundo do trabalho e fortalecer assim a chamada economia informal.

A feira de ambulantes, ou mais conhecida por todos como “camelódromo”, localiza-se nas principais ruas da cidade, onde tem um maior fluxo de consumidores.

Verificamos que o trabalho é predominante do gênero feminino e a maioria com idade que varia de 25 a 45 anos, que já estiveram no mercado de trabalho formal, mas abandonaram tais atividades por causa da família e dos atrasos e baixos salários⁵, e principalmente por causa da falta de oportunidade, que acarretou o desemprego. A renda destes trabalhadores é a fonte principal para seus sustentos, não tendo tempo para obter outro tipo renda complementar. Pessoas são encontradas com o nível de escolaridade que varia no ensino fundamental ao ensino superior e suas famílias depende unicamente desta atividade para sobreviver.

Trata-se, portanto de novas relações trabalho-vida coletiva em que a crise urbana demonstra sua face como fragmentação do tecido social dado pela exclusão social e busca de estratégias de sobrevivência por meio de diversos meios de integração, ainda que excludente.

Considerações Finais

A investigação do trabalho na metrópole contribui para a construção metodológica que permite compreender a fragmentação como um processo atrelado à integração e que necessita ser identificado a partir de vários feixes: 1. A modernização é excludente por não incorporar todos à sua lógica da economia formal urbana.

2. A base material e organizacional sendo apropriada por parcelas de excluídos que na suas estratégias de sobrevivência, adquirem conhecimentos, saberes instrumentais e condições de creditização que os permitem a apropriação dessa base e inserção em atividades informais.

⁵ O PIB per capita de São Gonçalo é baixo, R\$ 4.116, “que representa um pouco mais de um terço do PIB per capita do Estado, R\$ 11.052, e menos da metade do PIB per capita da região Metropolitana, R\$ 10.326”. (GUICHARD E MOTA, 2004, pág. 4).

3. A disputa interna dos trabalhadores na informalidade cria novos níveis de exclusão e novas estratégias de integração.

4. O processo de fragmentação-integração é dinâmico no tempo e no espaço. Nas metrópoles por causa de sua diversidade ampliada de atividades, ações e de coexistência de apreensão do mundo e as formas de sociabilidade, as possibilidades tornam-se mais concretas. As formas de sobrevivência, as estratégias de integração são mais disputadas e nisso Milton Santos (1994) tem razão. A metrópole abriga o pobre e permite a realização mais plena dos homens lentos, porque quanto maior a cidade, mais numerosa e significativa, mais vasta e densa a co-presença. E maiores as lições e o aprendizado conforme anuncia Milton Santos (1994, p, 83). As estratégias de sobrevivência realizado pelas formas de apropriação da técnica, recriam o trabalho urbano na metrópole.

REFERÊNCIAS

- ARGÜELLO, K. O mundo perfeito: nem possível, nem desejável. In **O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira**, SOUZA, J (Org.) .. Brasília: Ed. UNB, 1999, p. 137-171.
- BELUZZO, L. G. de M. Prefácio. **Crise e trabalho no Brasil: modernização ou volta ao passado?** Oliveira, C. A . B. de e Matosso J. E. L. (orgs.). São Paulo: Scritta, 1996. P. 9-20.
- BENJAMIN, W. - “**Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**”. *Os Pensadores*. São Paulo (Abril Cultural), 1975, p 16.
- BERMAN. M. **Tudo que é sólido desmacha no ar**: aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- GUIDDENS, A. - **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: ed. UNESP, 1991.
- HARVEY, D. - **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- MARRAMAO, G. **Céu e terra**: genealogia da secularização. Tradução Guilherme Alberto G. de Andrade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- MARX, K. e ENGELS, F. - **O manifesto comunista do partido comunista**, (7ª edição). São Paulo: Global Editora, 1988.
- MARX, K. - **O Capital**: Crítica da Economia Política - O processo de produção do capital. Livro 1, v. 1. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- POCHMANN, Márcio - **Reconverção econômica e as tendências recentes das ocupações profissionais no Brasil**, Campina: UNICAMP, 1998
- RIBEIRO, A . C . , SILVA, C. A . da - Impulsos globais nas metrópoles da periferia capitalista . *In Territórios en Redefinicion*: lugar y mundo en América latina, CICCOLELLA, P. (Org.) - 6º Encuentro de Geógrafos de América Latina, Buenos Aires, marzo, 1997.
- RIBEIRO, A . C. T. - “Relações sociedade-Estado: elementos do paradigma administrativo”, in **Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ ano XII, N.2 ago-dez, 1998. P. 107-125.
- _____ - Reforma urbana nos limites da modernização. In **Espaço e Debates**, São Paulo: Neru no. 37, 1994. P. 101-105.
- _____ - Relações sociedade-Estado: elementos do paradigma administrativo. In **Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ ano XII, N.2 ago-dez, 1998. P. 107-125.
- RIBEIRO, A C. T., SILVA, C. A da e SILVA, R. de C. da - Mutações na periferia capitalista In **Ciência Geográfica: ensino, pesquisa e método**. Bauru: AGB-Bauru, ano VI, vol. II, maio/agosto de 2000, p. 9-14

RIBEIRO, A. C. T. et al. – “Turismo: uma prática entre crise e a inovação na metrópole do Rio de Janeiro”, in **Turismo: espaço, paisagem e cultura**, orgs Ana Fani A. Carlos, Eduardo Yázigü e Rita de C. A. da Cruz, São Paulo, Hucitec, 1996.

SANTOS, A. L. e POCHMANN, M. – “O custo do Trabalho e a competitividade internacional”, in **Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?**, orgs. Carlos A. B. de Oliveira e Jorge E. L. Mattoso, São Paulo, SCRITTA, 1996.

SANTOS, M - **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____ - **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo, Hucitec, 1994.

_____ - **Urbanização Brasileira**. S. Paulo, Hucitec, 1993.

_____ - A grande crise já se instalou. In **Visões da crise** – Mineiro, A. dos Santos, Elias, L. A. e Benjamin, C. (orgs.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. P.141-160.

SARTRE, J-P – “O existencialismo é humanismo” in **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978: p. 02-32

SILVA, C. A. da . **Crise e reestruturação da economia contemporânea brasileira: repercussões na organização do trabalho e do espaço**. Rio de Janeiro: Revista de Geociências/UFF, n. 2, ano 1. 2002.

_____ - **Espaço e economia: contribuições para o debate acerca da crise brasileira contemporânea**. Texto apresentado ao exame de qualificação escrito. Rio de Janeiro: PPGG-IGEO/UFRJ, 1999.

_____ - “Espaço, técnica e saber: labirintos da qualificação do trabalho” . in Castro, Iná et al. (orgs.), **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999a.

SILVEIRA, C. M. E MELLO, R. - **Setor informal urbano: Projetos de geração de emprego e renda no Brasil**. Ibase/GTZ, Rio de Janeiro, 1991.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In **O fenômeno urbano**. Otavio G. Velho: org.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987 (4ª edição).

SOUZA, J (Org.) . **O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1999.

VILLAÇA, M. J. - **A força de trabalho no Brasil**. São Paulo, ed. Pioneira de Administração e Negócios,1967.

WEBER, M.- **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo:Ed. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1997. 12ª edição.

_____ . **Economia e sociedade**. Tradução Regis Barbosa e Karen E. Barbosa, volume 1, Brasília: Ed.UNB, 1999.

_____ . **Economia e sociedade**. Tradução Regis Barbosa e Karen E. Barbosa, volume 2, Brasília: E. UNB, 1999*